

**CUT****FUP**

# JORNAL DO SINDIPETRO PARANÁ E SANTA CATARINA

Informativo do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina | Ano XXXI | Nº 1345 | de 09 a 29/03/2015

## O povo nas ruas em defesa da Petrobrás,

## dos direitos e da democracia



Defender a Petrobrás, os direitos trabalhistas, a reforma política e a democracia. Essa foi a pauta que levou mais de 200 mil pessoas às ruas do Brasil no dia 13 de março, em manifestações em todas as capitais e no Distrito Federal. Os protestos foram convocados pela FUP, CUT e entidades dos movimentos sociais e estudantis, como o MST, MAB, UNE e Levante Popular da Juventude. O Sindipetro PR e SC participou da organização dos atos em Curitiba, onde 5 mil pessoas participaram; e em Florianópolis, que contou com a presença de dois mil manifestantes.

Os protestos também pressionaram o governo por mudanças na política econômica e por uma ampla reforma política, com o fim do financiamento privado de campanhas eleitorais, a raiz da corrupção investigada na operação Lava Jato.

O presidente nacional da CUT, Vagner Freitas, avaliou como “extraordinárias”

as manifestações do dia 13 e ressaltou que “as pessoas que querem se manifestar contra ou a favor do governo ainda têm muito espaço, porque isso é uma democracia”. O líder sindical lembrou, no entanto, que a eleição já acabou e que os trabalhadores nas ruas estão dando o recado de que é preciso “acabar com esse terceiro turno”.

**Os atos deixaram claro à presidenta Dilma que governar ouvindo o povo, e não apenas o Congresso, não é opcional. Também reafirmaram que a democracia é um valor inestimável para os movimentos sociais.**

O coordenador geral da FUP, José Maria Rangel, destacou que o “momento que nós vivemos hoje no país é de grande gravidade” e que é preciso “persistência e informação” para enfrentar o avanço da direita conservadora que, com a ajuda da mídia, está “transformando mentiras em verdades”.

A avaliação das entidades é que a mobilização cumpriu o papel. Por um lado, deixou claro à presidenta Dilma que governar ouvindo o povo, e não apenas o Congresso, não é opcional. Por outro, que a democracia é um valor inestimável para os movimentos sociais.



[WWW.SINDIPETROPRSC.ORG.BR](http://WWW.SINDIPETROPRSC.ORG.BR)



➔ **PROTESTO**

# Manifestações no Paraná e Santa Catarina mostraram o ímpeto do povo na defesa da Petrobrás e da pauta da classe trabalhadora

A aliança de entidades dos movimentos sindical e social firmada em âmbito nacional se repetiu nas manifestações no Paraná e Santa Catarina. O Sindipetro participou da organização dos atos em Curitiba e Florianópolis. Milhares de trabalhadores de diversas categorias, do campo e da cidade, estudantes e militantes dos movimentos sociais tomaram as ruas de ambas as capitais e para dizer em alto e bom tom que a Petrobrás é patrimônio do povo brasileiro e que não permitirão retrocessos, ataques aos direitos da classe trabalhadora, tampouco ameaças à democracia.

Em Curitiba, cerca de 5 mil pessoas se reuniram no final da tarde do dia 13 de março na Praça Santos Andrade e partiram em direção à Boca Maldita, tradicional local de protestos na capital paranaense. No percurso bloquearam a Rua Marechal Deodoro e fizeram uma grande passeata plural e pacífica, onde só estava proibido o ódio e preconceito. Quando a marcha chegou à Boca, uma

grande faixa com a frase “Constituinte Já” foi estendida do alto de um edifício até o chão.

Já em Santa Catarina, a concentração ocorreu na Catedral. Duas mil pessoas saíram em passeata pelas ruas do centro, passaram pelo Ticen (Terminal de Integração Central) e encerraram a manifestação no Terminal Rodoviário da cidade. “A pauta que motivou milhares de pessoas a se manifestarem no dia 13 de março foi construída pelos próprios trabalhadores, de diversas categorias. São reivindicações em defesa dos direitos trabalhistas, portanto contra as Medidas Provisórias 664 e 665, pela punição dos corruptos e corruptores e em defesa da Petrobrás, pela democracia e o fim do financiamento empresarial de campanhas

eleitorais. Essa é a pauta que unifica os trabalhadores e o movimento sindical brasileiro”, apontou André Luís dos Santos, dirigente do Sindipetro em Santa Catarina.

Durante o ato, o presidente do Sindi-

petro Paraná e Santa Catarina, Mário Dal Zot, ressaltou a importância da Petrobrás aos participantes. “A Petrobrás injeta R\$ 300 milhões por dia na economia e é responsável por 13% do PIB brasileiro. A cadeia nacional do petróleo, capitaneada pela Petrobrás, é responsável por 1 milhão e 500 mil empregos. É isso que está em risco, o emprego e a economia brasileira. A Petrobrás é indutora do desenvolvimento nacional, o que incomoda bastante o mercado. Essa campanha de difamação da mídia contra a empresa quer colocar todo o patrimônio da Petrobrás, do povo brasileiro, nas mãos do capital financeiro internacional”.

“Quando começamos a construir esse ato era em defesa da democracia, nós não vamos aceitar golpe nesse País. Nós, da Fetraf, do MST, da Marcha Mundial de Mulheres, da UBM, os Bancários, Vigilantes, Petroleiros, a APP-Sindicato e tantas outras entidades ligadas aos movimentos sociais. Esse ato é em defesa da democracia deste País, em defesa da Petrobrás, em defesa da classe trabalhadora, nós sempre estivemos na rua e sempre vamos estar nas ruas, na luta. Faz 32 anos que estamos na rua junto com os movimentos sociais e com o conjunto da classe trabalhadora”, afirmou a presidenta da CUT Paraná, Regina Cruz.

O presidente do Instituto Observatório social e mem-

bro da direção nacional da CUT, Roni Barbosa, destacou a importância do ato e organização que levou milhares de pessoas às ruas. “O processo democrático sai vitorioso, foram atos que aconteceram em todo o Brasil e não só em Curitiba, nas principais capitais temos manifestações como esta mostrando que os trabalhadores nunca saíram das ruas e vão continuar para defender os direitos da população brasileira, especialmente a democracia”, destacou.

O representante do comitê do Plebiscito pela Reforma

Constituinte, Gustavo Erwin Kuss, falou sobre o caminho para a mudança do Brasil. “A saída para romper esse cerco é a constituinte exclusiva e soberana porque ela poderá abrir o caminho para as reformas estruturais que nós precisamos. Para fazer a reforma agrária, a reforma tributária, a reforma urbana e fazer o Brasil avançar como uma nação democrática e soberana, dona do seu destino e aliada estratégica dos processos de emancipação na América Latina”, analisou.



Momento em que a passeata chega na Boca Maldita, em Curitiba



A pauta que motivou milhares de pessoas a se manifestarem no dia 13 de março foi construída pelos próprios trabalhadores, de diversas categorias.

André Luís dos Santos,  
dirigente do Sindipetro PR e SC

Duas mil pessoas nas ruas de Florianópolis-SC





➔ **DEFESA DA PETROBRÁS**

# Ato na Repar abriu o Dia Nacional de Lutas no Paraná

O Dia Nacional de Lutas em Defesa da Petrobrás, da Democracia, dos Direitos Trabalhistas e da Reforma Política no Paraná começou com ato em frente à Repar ainda nas primeiras horas da manhã. Petroleiros, petroquímicos, terceirizados da Repar e da Fafen-PR e militantes dos MST e do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) participaram do protesto. A entrada do turno e do horário administrativo foi atrasada em 01h30.

O ato denunciou a tentativa da mídia e da direita elitista brasileira de desmoralizar a gestão estatal da empresa e abrir caminho para a privatização da Petrobrás. O petroleiro da Repar e diretor executivo nacional da CUT, Roni Barbosa, destacou a importância do debate na categoria. “É o momento de nós fazermos esse diálogo aqui na porta da refinaria porque estamos vivendo um período de crise política muito séria no Brasil. A crise é grande e é grave, mas precisamos dimensioná-la e buscar informações, porque eu vejo uma contrainformação muito grande. Os veículos de comunicação não querem informar a população da realidade brasileira, não aceitam que estamos organizados em entidades e temos acesso à informação correta. Precisamos estar municiados, especialmente os petroleiros e os petroquímicos, para poder passar essas informações para a população e fazer o enfrentamento à campanha difamatória da mídia contra Petrobrás, cujo objetivo é privatizá-la.”

Os petroquímicos da Fafen sofreram na pele as consequências da privatização. Recentemente a Fábrica de Fertilizantes foi adquirida pela Petrobrás, mas as memórias são recentes. “Nós, petroquímicos, vivemos um dos processos mais duros da privatização. Em 1993 a Unidade da Ultrafertil, que era uma subsidiária da Petrobrás, foi privatizada. Passamos 20 anos na iniciativa privada e em todo esse tempo não houve qualquer investimento na área de segurança ou de melhoria da qualidade de trabalho”, lembrou Gerson Castellano, coordenador do Sindiquímica-PR. Ele também alertou para os interesses em jogo. “Esses ataques que vemos na mídia têm um interesse claro: é o pré-sal

Ato histórico reuniu trabalhadores do campo e da cidade



nas mãos das empresas estrangeiras. Não se enganem, essa campanha de difamação só tem esse objetivo”.

Os movimentos sociais engrossaram o público no ato da Repar. Para Robson Sebastian, coordenador do MAB no Paraná, “os trabalhadores saem às ruas porque nosso país vive um momento de instabilidade política, econômica e social. Muito se diz, muito se acusa e se discute, mas a classe trabalhadora organizada nos seus movimentos, nos seus sindicatos e nas suas centrais têm apontado um conjunto de pautas capaz de superar a crise e melhorar a sociedade. Essa mobilização aqui na Repar é uma prova e o indicativo desse compromisso das organizações preocupadas com o futuro do país, com o desenvolvimento, com a geração de empregos, com a melhoria das condições de vida do povo do brasileiro”.

Roberto Baggio, líder do MST no Paraná, ressaltou a capacidade dos trabalhadores e da Petrobrás. “Temos uma empresa que tem tecnologia de ponta para extrair o petróleo do pré-sal e temos algo mais nobre e mais valoroso, que é parte da classe trabalhadora brasileira, representada pelo petroleiros e petroquímicos, que detém preparo tecnológico e humano para explorar essa riqueza. Dessa forma, nosso país tem todas as condições de continuar crescendo, se estruturando e competindo no mercado internacional porque dominamos a essência de toda a cadeia produtiva. Mas principalmente, porque a classe trabalhadora brasileira, representada pelos petroleiros, se preparou, se estruturou e domina a tecnologia para competir no mundo. Então nesse cenário, setores do capital transnacional e das grandes potências econômicas querem destruir a nossa Petrobrás para que nós, como povo brasileiro, continuemos sendo dependente dos interesses do capital transnacional. Querem nos dominar e voltar a nos

colonizar.”

O dirigente sindical e petroleiro da Repar Anselmo Ruoso enfatizou a disputa de projetos políticos na sociedade brasileira. “O que nós vivemos hoje nada mais é do que uma verdadeira luta de classes, onde só o que nos é passado é escolhido a dedo pelos donos da mídia, que são os maiores representantes da elite brasileira. O Brasil vai continuar um gigante adormecido se depender deles. Nós não vamos permitir isso. Os petroleiros têm um papel histórico e dói quando eu estou no vestiário e escuto companheiros do lado falando da crise e que tem que privatizar essa empresa, que aí eles vão ser mais felizes. É dolorido isso porque muitas gerações fizeram muito para transformar a Petrobrás no que está na iminência de ser. Por isso estão atacando desse jeito. É a empresa que mais investe no mundo e falam de endividamento. Quando eu aprendi um pouco de economia, chamavam isso de investimento. Estão colocando na cabeça das pessoas que a empresa está quebrada. Essa empresa não quebra! Por pior que sejam os gestores que estão aí, essa empresa não quebra porque tem trabalhadores que sabem o que fazem”.

A defesa dos empregos e da Petrobrás enquanto propulsora do desenvolvimento nacional foi abordado pela petroleira e dirigente sindical Anacélie Azevedo. “A cadeia produtiva do petróleo gera um milhão e meio de postos de trabalho, fruto dos investimentos da Petrobrás na indústria brasileira. O que está acontecendo é a destruição da imagem da estatal e a punição das empresas que estão sendo investigadas pela operação Lava Jato. Punam-se os diretores corruptores dessas empresas e os corruptos da Petrobrás, mas não comprometam os empregos. É isso que está em risco. É por isso que estamos nas ruas hoje. É pela Petrobrás, pela nossa economia e pelos empregos”, concluiu.



Setores do capital transnacional e das grandes potências econômicas querem destruir a nossa Petrobrás para que nós, como povo brasileiro, continuemos sendo dependente dos interesses do capital transnacional.

Roberto Baggio, coordenador do MST no Paraná

Punam-se os diretores corruptores das empresas e os corruptos da Petrobrás, mas não comprometam os empregos. É isso que está em risco



Anacélie Azevedo, dirigente do Sindipetro PR e SC



É o momento de nós fazermos esse diálogo aqui na porta da refinaria porque estamos vivendo um período de crise política muito séria no Brasil. A crise é grande e é grave.

Roni Barbosa, diretor executivo da CUT Nacional

O que nós vivemos hoje nada mais é do que uma verdadeira luta de classes, onde só o que nos é passado é escolhido a dedo pelos donos da mídia, que são os maiores representantes da elite brasileira.



Anselmo Ruoso, dirigente do Sindipetro PR e SC



Somos a favor da punição rigorosa dos corruptos e corruptores, mas as investigações não podem paralisar a Petrobrás e a cadeia produtiva do petróleo. São milhares de empregos em risco.

Mário Dal Zot, presidente do Sindipetro PR e SC

Esses ataques que vemos na mídia têm um interesse claro: é o pré-sal nas mãos das empresas estrangeiras. Não se enganem, essa campanha de difamação e desqualificação só tem esse objetivo



Gerson Castellano, coordenador do Sindiquímica Paraná



Nossa luta nunca foi fácil e lutar é a nossa vida. Nós, terceirizados, estamos aqui engajados e apoiando o movimento a favor do Brasil, por uma Petrobrás sem corrupção e pela democracia.

Gilmar Carlos Lisboa, presidente do Sindimont Paraná



Os trabalhadores saem às ruas porque nosso país vive um momento de instabilidade política, econômica e social. Muito se acusa e se discute, mas a classe trabalhadora organizada têm apontado um conjunto de pautas capaz de superar a crise

Robson Sebastian, coordenador do MAB no Paraná




**PRÓXIMAS LUTAS**

# As manifestações de março e os próximos passos

A Direção Executiva Nacional da CUT esteve reunida no dia 17 de março para avaliar as mobilizações dos dias 13 e a conjuntura política nacional. Os atos em todos os estados foram considerados acertados e constituíram-se num ponto de apoio para todos que querem defender nossos direitos, a democracia, a Petrobrás, a Reforma Política, a Democratização da Comunicação contra as tentativas golpistas manipuladas pela grande mídia e pela direita.

“Já as manifestações do dia 15, que foram divulgadas intensamente pela mídia, apoiadas pelos partidos de oposição, pela burguesia e pela direita, que manipula-

ram o legítimo apelo popular de combate à corrupção, para dirigi-lo contra o Governo Dilma e o PT, reuniram milhares de pessoas. Em São Paulo, em particular, catracas do metrô foram liberadas, trabalhadores foram pressionados pelos patrões para participar, e houve até mudança do horário de jogo de futebol”, diz trecho da nota. “Essa manipulação permitiu que surgissem propostas antidemocráticas, tais como o impeachment, volta da ditadura militar, ódio e intolerância, racismo, machismo, homofobia, xenofobia, que todos os setores da sociedade comprometidos com a democracia devem combater”, aponta a

resolução da CUT.

A Central afirma que é a tarefa agora é impedir que a direita sorrrateiramente amplie apoio em setores populares para o retrocesso, explorando o descontentamento que existe na sociedade. Para a CUT, o mandato popular dado a Dilma no segundo turno de 2014 não foi para uma pauta de aumentar os juros e promover políticas recessivas para conter a inflação. “O combate à crise se faz com crescimento econômico, mais empregos e salários, investimento público e ampliação de direitos, o que implica em mudar a atual política econômica. Por isso, vamos manter e intensificar nossas mobili-



zações com a continuidade da Jornada de Lutas, com nossa pauta, construída conjuntamente com os movimentos sociais.”

As próximas manifestações serão definidas em articulações com os movimentos sociais, tanto em âmbito nacional, quanto estadual, mas já está indicada uma grande mobilização no dia 07 de abril em defesa dos direitos e contra o Projeto de Lei 4330, que escancara a terceirização no Brasil, cuja

votação está pautada nesse dia no Congresso Nacional.

Os atos do Dia do Trabalhador (1º de Maio) ganham enorme importância nessa conjuntura e devem ser massivos e organizados com os movimentos que conosco garantiram o êxito do dia 13 de março. Além disso, o 12º Congresso Nacional da CUT, com suas assembleias de base, seminários preparatórios e os congressos estaduais fazem parte desta mobilização geral.

## Conheça quem caminha conosco na Jornada de Lutas

**MAB** - O Movimento dos Atingidos por Barragens é um movimento nacional, autônomo, de massa, de luta, com direção coletiva em todos os níveis, com rostos regionais, sem distinção de sexo, cor, religião, partido político e grau de instrução. É um movimento popular, reivindicatório e político. A prática militante é orientada pela pedagogia do exemplo e a luta se alimenta no profundo sentimento de amor ao povo e à vida.

O MAB se organiza a partir de Grupos de Base, que são a parte essencial do Movimento; é seu alicerce, sua força e o seu povo organizado. É a porta de entrada que acolhe e escolhe as pessoas que querem lutar por seus direitos. O Grupo de Base reúne as famílias de uma determinada comunidade ou bairro, que já se comprometeram com o Movimento. Uma comunidade ou bairro, quando muito grandes, podem ter vários Grupos de Base. Participam dos Grupos de Base todas as famílias ameaçadas ou atingidas direta e indiretamente por barragens. Na prática, isso significa organizar todos aqueles que moram nas comunidades atingidas e estão dispostos a lutar. Participam dos grupos, não só as famílias que possuem terras nas comunidades, mas também aquelas que de alguma forma dependem economicamente da comunidade atingida para viver ou do próprio rio, ou seja, os arrendatários, os posseiros, os pescadores, os meeiros, os parceiros, os agregados, os trabalhadores rurais sem-terra, entre outros.



**MST** - O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) é um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil, tendo como foco as questões do trabalhador do campo, principalmente na luta pela reforma agrária. Como se sabe, no Brasil prevaleceu historicamente uma desigualdade do acesso à terra, consequência direta de uma organização social patrimonialista e patriarcalista ao longo de séculos, predominando o grande latifúndio como sinônimo de poder. Dessa forma, dada a concentração fundiária, as camadas menos favorecidas têm dificuldades à posse da terra. O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais. Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária.



**UNE** - A história da UNE confunde-se com a do próprio Brasil no último século e no começo deste. Em um passado recente, participaram do movimento estudantil pessoas como a presidente Dilma Rousseff, o compositor Vinícius de Moraes, o cineasta Cacá Diegues, o religioso Frei Betto e o poeta Ferreira Gullar. No presente participam, em todos os 27 estados do país, centenas de milhares de novos militantes de todas as raças, credos e estilos que preferem agir coletivamente.

A UNE estrutura-se, basicamente, em três instâncias: o Conselho Nacional de Entidades de Base (Coneb), que reúne os diretórios acadêmicos (DAs) e centros acadêmicos (CAs) do Brasil; o Conselho Nacional de Entidades Gerais (Coneg), que agrega os diretórios centrais de estudantes (DCEs) e executivas nacionais de cursos; o Congresso da UNE (Conune), formado por todas as entidades e também por todos os estudantes que quiserem, de maneira livre, participar. O Conune, que acontece a cada dois anos, é a maior instância do movimento estudantil brasileiro, quando é escolhida a nova diretoria da UNE e quando são decididos os rumos da entidade.



**Levante Popular da Juventude** - O Levante Popular da Juventude

é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. É a Juventude do Projeto Popular e se propõe a ser o fermento na massa jovem brasileira. É um grupo de jovens que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades.

A proposta do Levante é organizar a juventude onde quer que ela esteja. Desse modo, nos organizamos a partir de três campos de atuação: a Frente Estudantil, que congrega os estudantes; a Frente Territorial, que reúne movimentos culturais dos jovens; e a Frente Camponesa, voltada aos jovens agricultores.

